

UNIVERSIDADE FEDERAL DE PELOTAS
INSTITUTO DE ARTES E DESIGN
PÓS-GRADUAÇÃO EM ARTES
ESPECIALIZAÇÃO EM PATRIMÔNIO CULTURAL: CONSERVAÇÃO DE ARTEFATOS

Cilene Gonçalves Leite

AGENTES E PATRIMÔNIO:

Uma análise da praça Tamandaré do município de Rio Grande/RS

Pelotas, outubro de 2008.

Cilene Gonçalves Leite

AGENTES E PATRIMÔNIO:

Uma análise da praça Tamandaré do município de Rio Grande/RS

Monografia apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Patrimônio Cultural: conservação de artefatos, do Instituto de Artes e Design da Universidade Federal de Pelotas, como requisito parcial para obtenção do título de Especialista

Orientadora: Prof^a Dra. Neiva Bohns

Pelotas
2008

Prólogo

Desde pequena passeei pelas praças públicas do centro de Rio Grande. Lembro-me do chafariz da praça Xavier Corrêa com algumas carpas laranjas nadando, e quando tentava tocar nelas..puf! Elas saiam nadando, fugindo de minha mão arteira, mergulhada na água. Desta mesma praça recordo das flores, do calor do sol, do laguinho com estátuas e das tartarugas, gigantescas e tão 'dinossáuricas' para esta Cilene ainda pequena. Na correria da atualidade, esta é mais uma das praças cujo espaço atravesso para diminuir caminhos...

Havia ainda a praça Tamandaré, com as estátuas de leões, a pracinha e os macacos. Ah, os macacos! Quantas vezes estavam lá eu e meus pais, dando pipoca para os macacos, e sem dúvida, quando precisava passar pela praça sempre dava uma olhadinha nesses bichinhos. Existiam também os balanços, coloridos, novinhos, divertidos; o pipoqueiro com pipocas e doces; as crianças correndo; os pais tirando fotos; as figueiras gigantes com seus cipós, além dos ônibus. Quando mudei do centro da cidade precisava tomar o ônibus diariamente, pois estudava no centro, e o ponto da condução era nessa praça, então lembro das filas (imenas no horário de saída das escolas) mas era só olhar para o lado que avistava, logo adiante, a estátua em homenagem ao Gen. Bento Gonçalves com seus leões vorazes, robustos e instigantes.

Assim é que me recordo um pouco das praças: coloridos, iluminadas, espaçosas, alegres; mas aos poucos sendo tomadas pelos camelôs e desbotando, se tornando imundas, escuras, tumultuadas, apertadas, sufocantes!

Ainda passo/passeio pelas praças... Mas hoje, depois de estudos, reflexões, procuro as cores que a praça tinha na minha infância.

Agradecimentos

Principalmente a Carmen Leite, Cilon Leite e Kalinca Leite, respectivamente mãe, pai e irmã, pelo intenso incentivo, suporte afetivo e logístico, pelos passeios a praça durante a minha infância, pela compreensão nos momentos de desnorteamento.

Ao meu namorado, Cláudio Diniz, pela ajuda, palavras de incentivo e paciência titânica.

Aos entrevistados: Adão Pereira, Francisco Mattos, João Vanderlei, José Fonseca, Luis Carlos e Rui Carlos Barbosa, por me contarem sobre a Praça Tamandaré.

Muito especialmente, à Neiva Bohns, minha orientadora, pelos agradáveis encontros, voz tranqüila e compreensão.

Aos professores, amigas e colegas do curso pelos momentos de trocas.

As amigas de Van, Cristiane Troina e Giovana Dias, por tornarem meu translado Rio Grande - Pelotas mais ameno, pelas conversas sobre Durkheim e encontros com quentão nas noites frias.

E ao povo brasileiro, por subsidiar minha formação desde a alfabetização.

Homenagem póstuma

À minha avó, Célia Gonçalves, pelos inesquecíveis momentos que proporcionou durante minha infância, com metáforas e histórias. Fantasias que contribuíram para a formação de minha criatividade e mantiveram meu espírito ingênuo.

Índice de Imagens

Imagen 1 - Entrada do banheiro público feminino	02
Imagens 2 e 3 - Pontos de ônibus espalhados ao redor da Praça.	03
Imagen 4 - Abrigolândia.....	03
Imagen 5 - Vista aérea da Praça Tamandaré. Foto: João Paulo s/d.....	09
Imagen 6 - Chafariz. Foto: Cilene Leite, 2008.....	10
Imagen 7 - Detalhe do chafariz	11
Imagen 8 - Monumento a Bento Gonçalves	13
Imagen 9 - Monumento a Bento Gonçalves e detalhes	14
Imagen 10 - Lago Artificial	15
Imagen 11 - Conde Guglielmo Marconi	16
Imagen 12 - Vênus ao banho	17
Imagen 13 - Jesus Cristo.	18
Imagen 14 - Almirante Tamandaré	19
Imagen 15 - Busto de França Pinto	20
Imagen 16 - Napoleão Bonaparte	21
Imagen 17 - Detalhe da estátua de Napoleão Bonaparte	21
Imagen 18 - Busto Irmão Isicio	22
Imagen 19 - Homenagem à Imprensa	22
Imagen 20 - Coreto	28
Imagen 21 - Coreto, visto por outro ângulo	29
Imagen 22 - Homens jogando damas	30
Imagen 23 - Detalhe de Homens jogando damas	31
Imagen 24 - Playground. Foto: Cilene Leite, 2008	33
Imagenes 25 e 26 - Pessoas alimentando pombos	34
Imagen 27 - Pessoas observando animais do mini-zoológico	35
Imagen 28- O pipoqueiro	37
Imagen 29- Instalações do pipoqueiro	37
Imagen 30 - Instalações do engraxate	39
Imagen 31 - Árvore centenária	41
Figura 32- Modelos variados de bancos na praça	43

SUMÁRIO

1.	Considerações iniciais.....	01
1.1	A história da pesquisa.....	01
1.1	A praça na história.....	04
2.	A Praça Tamandaré.....	08
3.	O conceito de patrimônio.....	23
4.	A praça como corredor de passagens.....	26
5.	A praça como espaço de permanência	36
6.	Considerações finais.....	45
7.	Referências	48
8.	Anexos	50

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

1.1. A história da pesquisa

A escolha do objeto de pesquisa ocorreu impulsionada por memórias de grande afeto e pelo uso cotidiano do espaço da Praça Tamandaré. A opção ocorreu em 2006, quando me percebi observadora e utilizadora desse espaço e, portanto, uma agente contribuidora na transformação do local enquanto área de lazer, ao utilizá-lo rotineiramente como um corredor de passagens. Esse é um fator determinante na escolha do objeto de pesquisa.

A partir da escolha do objeto de estudo, houve a necessidade da pesquisa bibliográfica, saídas de campo e entrevistas a agentes contribuidores da Praça Tamandaré, de maneira que o assunto de pesquisa se articulasse com os problemas da valorização do patrimônio cultural.

Desta forma o trabalho está dividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo apresento uma análise histórica que não possui pretensões de qualquer novidade, justificando-se pela necessidade de conhecer aquilo que pretendemos preservar. O segundo explana sobre o conceito de patrimônio cultural em seu aspecto material e imaterial. O terceiro capítulo faz uma abordagem da Praça como um corredor de passagens. Por fim o quarto capítulo fala da Praça como espaço de permanência para alguns.

Para tanto, este trabalho pretende acrescentar uma outra ênfase que não seja voltada apenas para os aspectos históricos e arquitetônicos, mas uma que dê voz a fazeres que existem no espaço da Praça e que tomaram um caráter cultural, ou característico da Praça, como, na Europa, a Praça medieval que possui em seu espaço atividades comerciais que são indissociáveis de seu significado.

Essas atividades comerciais são fazeres e saberes, são atos característicos desse espaço. Pipoqueiro, barbeiro e engraxate são integrantes do imaginário do grupo que freqüenta a Praça.

Pensar e analisar essas atividades como pertencentes ao patrimônio cultural, porém ainda não tomadas como tal, e talvez ainda não discutidas academicamente por grupos da região, são o objetivo deste trabalho.

Além disso, dentre os serviços disponíveis na praça há o banheiro público (Imagen 1), pontos de ônibus (Imagen 2 e 3) e a Abrigolândia(Imagen 4).



Imagen 1 - Entrada do banheiro público feminino. O acesso a esse local é gratuito. Foto: Cilene Leite, 2008.



Imagens 2 e 3 – Pontos de ônibus espalhados ao redor da Praça.
Foto: Cilene Leite, 2008.



Imagen 4 – Abrigolandia.
Foto: Cilene Leite, 2008.

Assim, sob o ponto de vista metodológico, a investigação foi embasada não apenas num enfoque arquitetônico, porém percebendo esse como de fundamental importância, mas também na história social, através do registro desses agentes e de freqüentadores, como uma abordagem qualitativa a fim de fazer resgate de fatos, para que esse patrimônio receba um registro a partir de mais uma visão.

1.2. A Praça na história

O espaço que denominamos Praça possuiu suas bases na Grécia do século V. Era conhecida como "Ágora", apropriadamente chamado de Praça do mercado, onde ocorriam os mais variados tipos de transações comerciais. Porém, segundo Munford(1982), a ágora na sua função mais antiga servia como lugar de encontro comunal, e como conseqüência o ajuntamento de pessoas no local. O mercado, surgia como um subproduto dessa massa de consumidores, que iam para o local para a realização de assembleias e comemorações festivas.

Segundo o mesmo autor, nas comunidades mais primitivas existiam lugares onde os indivíduos administravam seus negócios, enfrentavam suas dificuldades comuns, suas tensões, e restabeleciam suas energias. Estas atividades possivelmente foram realizadas na aldeia durante muito tempo, sob uma árvore sagrada, ou junto de uma fonte, lugares suficientemente grandes para a realização de jogos e danças que foram introduzidos na cidade, assumindo formas distintas nos diferentes aspectos do modelo urbano.

A ágora é assim descrita:

A ágora tinha uma forma amorfa e irregular. (...) É um espaço aberto de propriedade pública, que pode ser ocupado para finalidades públicas, mas não necessariamente fechado. (...) Edifícios adjacentes são lançados ao redor numa ordem irregular, aqui, um templo, ali a estátua de um herói ou uma fonte; ou talvez, numa fileira, um grupo de oficinas de artífices, abertas para o transeunte; enquanto que, no meio, as barracas ou cobertas temporárias indicariam talvez um dia de feira. MUNFORD (1998: 167)

A ágora tinha formas variadas: tanto poderia estar situada numa Praça aberta como poderia ser o alargamento da rua principal. O espaço aberto da ágora concentrava muitas atividades; tudo era vendido no mesmo lugar. Eram construídos em seu entorno edifícios, templos, sendo o lugar preferido dos cidadãos para a localização de estátuas em homenagem a algum deus ou herói. Era o lugar do centro festivo, local de assembléia ou o comércio. A feira era praticada livremente na ágora, onde o camponês levava a sua produção a fim de comercializá-la ao mesmo tempo em que comprava outros produtos e se utilizava dos serviços locais.

A partir do século VII o comércio tornou-se a atividade mais importante da cidade, com a introdução das moedas cunhadas em ouro e prata. Com isso as funções comerciais da ágora expandiram-se. Essas novas funções econômicas pressionaram as funções políticas e legais da ágora, e no final do século VII a assembléia popular, precisando de um maior espaço, abandonou a ágora por um espaço mais amplo denominado Pnix.

No Pnix, também era realizada a prática de esportes e funções dramáticas. Era um lugar especialmente destinado aos homens. Como a ágora, combinava muitas funções urbanas importantes, tais como direito, governo, comércio, indústria, religião, sociabilidade, tornando-se um elemento vital e distintivo dentro da cidade.

Segundo MUNFORD (1998), a função social do espaço aberto da ágora permaneceu nos países da América Latina: plaza, campo, piazza, grand-place. São espaços abertos, com a instalação dos cafés e restaurantes ao redor destes, onde ocorrem habitualmente os encontros e as conversas. No fim da Idade Média eram realizados torneios de cavalaria e foram seguidos no século XVII por exibições militares. Também eram realizadas corridas de cavalos, e neste caso a ágora receberia o nome de *hipódromo*.

A Plaza, que na América Latina, tinha a função de lazer, atrações e encontros, consolidou-se na sociedade hispano-americana como Plaza Maior, abrigando edifícios públicos em função da qual se ordenaram os outros elementos da cidade (SANTOS, 1982:34). A cidade surge então, seguindo um ordenamento, um planejamento, tendo como referencial a Plaza Maior, que por sua vez encontra suas origens na ágora.

A partir do século XVII novas forças favoreceram o desenvolvimento em todas as direções, e com isso muralhas eram destruídas e indústrias edificadas. Essa nova força a que nos referimos, que teve o poder de estimular a expansão urbana dos mercadores, financistas e senhores de terras. Essas primeiras atividades, apontavam que no futuro surgiria um novo modelo denominado *capitalismo*.

Como resultado, o capitalismo introduziu na ágora o seu modelo comercial que visa o lucro, e esse espaço gradualmente foi substituído do mercado em Praça livre para o mercado nas casas e prédios bem decorados que exibiam as mercadorias como atrativo aos consumidores.

Com a gradual retirada do comércio da ágora, esta passou a servir como uma espécie de clube informal onde as pessoas com tempo disponível encontravam amigos e companheiros.

De tal forma, a Praça pública assume então uma função de descanso, cultura, sociabilidade e lazer. Porém, o significado original desse espaço, salvo algumas exceções, vem sofrendo transformações, se ajustando a novos modos de vida e necessidades.

2. A PRAÇA TAMANDARÉ

A Praça Tamandaré localiza-se na área central da cidade do Rio Grande, entre as ruas Luiz Loréa, General Neto, General Vitorino e 24 de Maio.

Na planta da Vila Rio Grande de São Pedro, datada de 08 de março de 1829, ainda não estava delimitada a área que viria a ser a Praça Tamandaré, sendo um terreno arenoso com combros e considerado incapaz de se povoar.

Nessa mesma época, foram construídos no local poços, de onde tirava-se a melhor água da vila e que abastecia grande parte da cidade. Como um aceno de melhoria, surge entre 1871 e 1876 a Companhia Hidráulica Rio Grandense, construída por particulares, e manda fechar os poços ali existentes, sendo posteriormente reabertos devido a forte estiagem que assolou o município.

SAINT-HILARE (1947), visitando Rio Grande entre os anos de 1820 e 1821, descreve a área ocupada pela atual Praça Tamandaré da seguinte forma: "Atrás da cidade, entre montículos de areia (em um lugar denominado Geribanda) foram feitos poços onde a pequena profundidade se encontra muito boa água." Havia no local cinco poços de tijolos e cantaria, um com bebedouro para animais.

Com o desenvolvimento urbano da vila, o espaço existente era alvo de disputa. Não faltavam projetos para a construção de quartéis, igrejas, hospitais, comércio e industrias.

Durante a década de 1860, a prefeitura contratou o engenheiro Cândido Godói para projetar as melhorias que viriam a fazer do local uma Praça, sendo posteriormente estas atividades continuadas pelo J. Fuller Boack. Em 1862, a Praça já então

delimitada, começou a ser arborizada, sendo providenciado pela câmara municipal o cercamento por estacas e correntes para que os animais não prejudicassem essas benfeitorias.

A partir de 1879 a Praça começou a ser aterrada e na mesma década foram propostas pelo presidente da Câmara Municipal, Sr. José Antônio da Rosa, a formação do lago e também a plantação do arvoredo em sua volta. Nessa época também foi colocado o chafariz de origem francesa e em 1887 iniciado o plano geral de embelezamento da Praça que assume a configuração física atual (Imagen 5) e vai ocorrer então, a redefinição externa através da instalação dos monumentos, bustos, lagos, *playground*, instalações para o comércio, dentre outros.

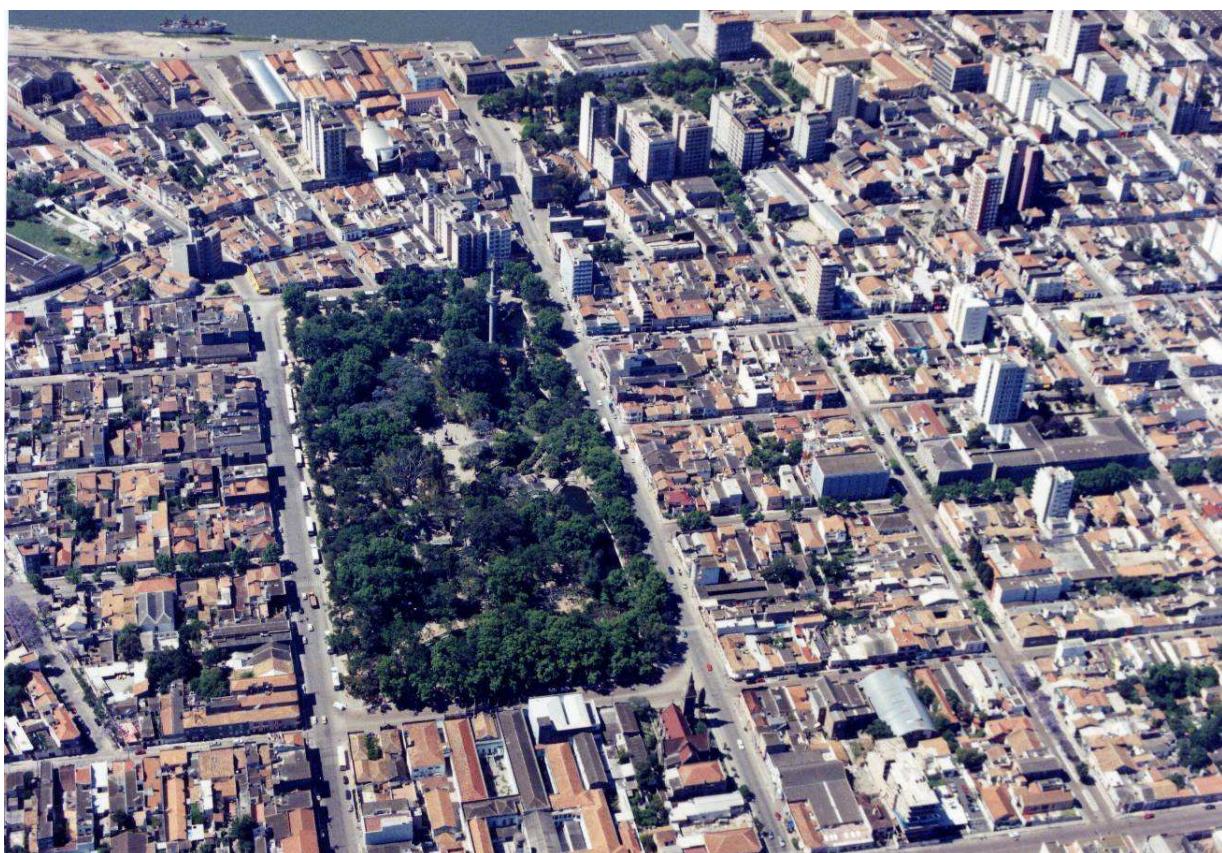


Imagen 5 – Vista aérea da Praça Tamandaré. Foto: João Paulo s/d

Em 1895 (MARTINS, 2001:52) são elaborados novamente projetos de melhoramento, concebidos por Methelim, que previam novos ajardinamentos, construção de chalé no centro da Praça, alguns pequenos lagos e ilhotas e a plantação de mudas de árvores.

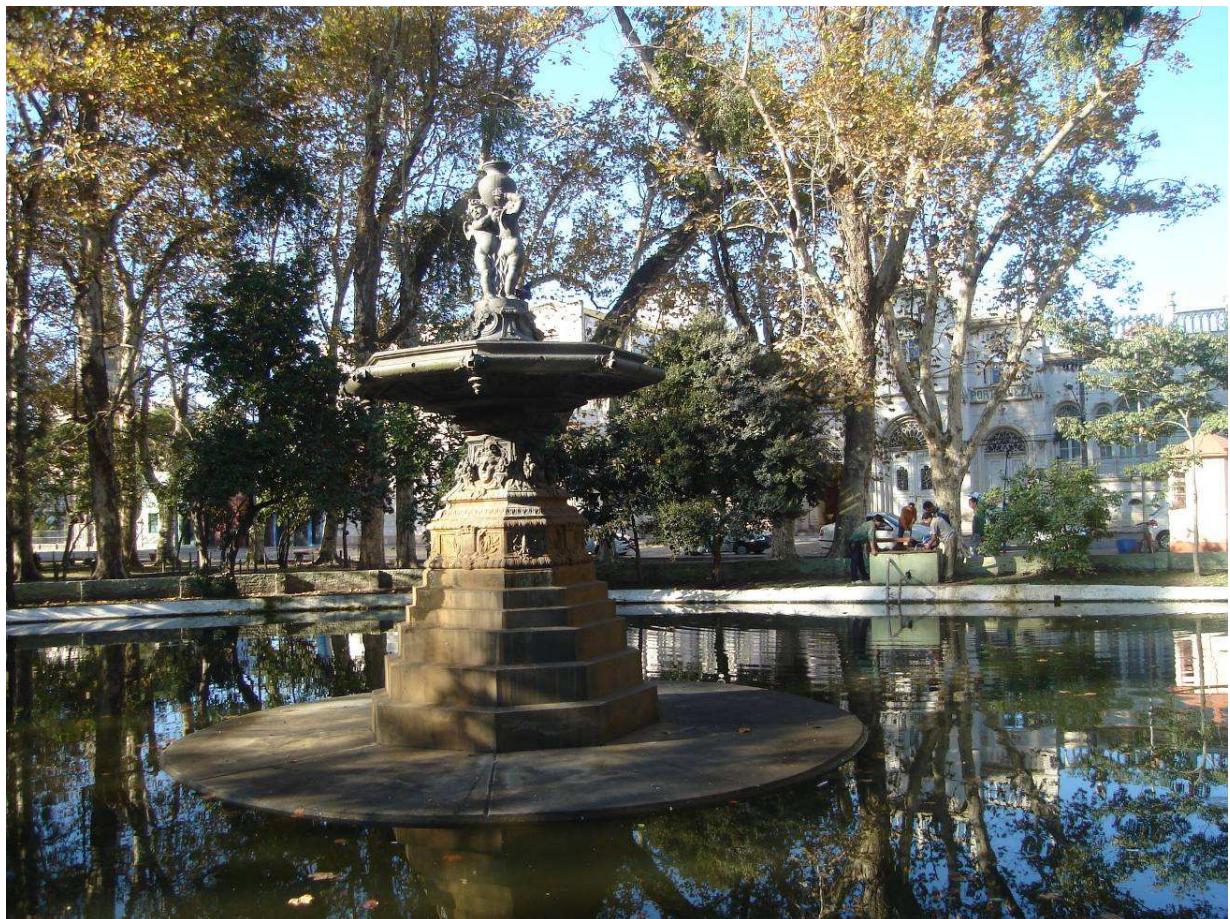


Imagen 6 - Chafariz. Foto: Cilene Leite, 2008.

Logo no início do século o local recebe um chafariz (Imagen 6), então transferido da Praça General Telles para esta, sendo fixado no centro do lago em frente ao Edifício da Beneficência Portuguesa.



Imagen 7 – Detalhe do chafariz. Foto: Cilene Leite, 2008.

Possuiu outras denominações antes de ser conhecida como Praça Tamandaré. No início do século XIX, fora denominada como Praça dos Quartéis, devido sua proximidade com esses estabelecimentos existentes em seus arredores naquela época; porém estes quartéis foram construídos de forma precária em madeira, sendo demolidos posteriormente com o desenvolvimento do município, e esta denominação fora designada pelos cidadãos riograndinos, não sendo oficializada. Posteriormente, devido a presença de escravos que se dirigiam ao interior desta com o propósito de recolher água nos poços ali existentes para seus senhores e como em determinadas ocasiões aconteciam desentendimentos, badernas e brigas, seria denominada de

Geribanda, que segundo o dicionário Aurélio da língua portuguesa significa descompostura.

Em 20 de abril de 1865, a Câmara Municipal, desejando homenagear o Almirante Joaquim Marques de Lisboa (1807-1897) graças a sua grande atuação nas guerras do Rio do Prata e do Paraguai, denominou-a de Praça Tamandaré.

Como área pública de lazer, a Praça Tamandaré é muito visitada devido a seus atrativos, tanto por moradores como por turistas, que encontram ali uma área de passeio, descanso e cultura, privilegiada pela beleza do lago e pelo verde suas árvores centenárias, além de bustos, estátuas e um monumento, chafariz, mini-zoológico e coreto.

Os bustos, estátuas e monumentos presentes na Praça, são homenagens prestadas a homens ilustres que de alguma forma contribuíram para a história do Brasil ou outros países. De acordo com PIRAGINE (1992) são obras esculpidas por artistas reconhecidos como: o português Teixeira Lopes, os franceses Matteo Tonietti e A. Burene e o riograndino Érico Gobbi.



Imagen 8 – Monumento a Bento Gonçalves onde repousam os restos mortais do Gal. Bento Gonçalves da Silva doados pela família à cidade de Rio Grande.
Foto: Cilene Leite, 2008.

Imagen 9 – Monumento a Bento Gonçalves e detalhes

Fotos: Cilene Leite, 2008.



Medalhão retratando General Netto
Fotos: Cilene Leite, 2008.

Medalhão retratando Guiuseppe Garibaldi
Fotos: Cilene Leite, 2008.



Já o lago artificial (Imagem 10) construído na Praça, medindo 5.785m², teve como propósito embelezar e escoar as águas das chuvas que permaneciam no local devido sua declividade, desaguando através dos canos na Lagoa dos Patos. Este lago é circundado por vários tipos de vegetação e possui várias pontes que facilitam o acesso de um lado a outro da Praça. No início do século XX em ocasiões especiais, faziam-se "Passeios Venesianos" no lago onde as pessoas passeavam de barco, hoje isso não mais acontece.

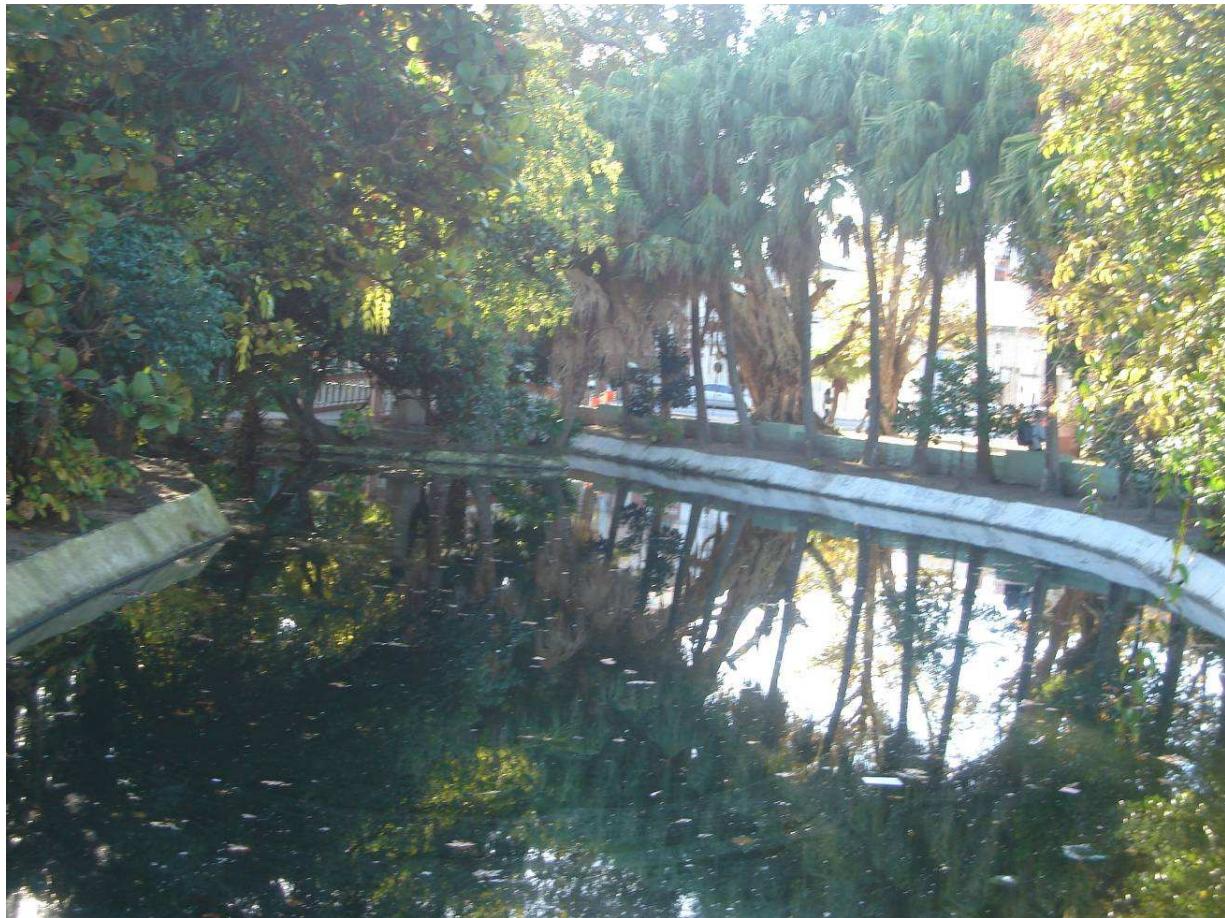


Imagen 10 - Lago Artificial. Foto: Cilene Leite, 2008

A Abrigolândia, situada ao lado da Praça, onde hoje estão instaladas lanchonetes e *bomboniére*, funciona com um terminal de ônibus. Segundo CRAM (1996) este local foi um dia terminal exclusivo para bondes elétricos, durante a década de 1940. Porém em setembro de 1939, foram adquiridos os primeiros ônibus da cidade, e gradativamente o bonde foi substituído por esse novo meio de transporte da época.

Além desses equipamentos que caracterizam a Praça, sua localização estratégica a transforma em um espaço de circulação e troca na cidade, motivos que influenciaram a instalação do terminal coletivo urbano ao redor da Praça Tamandaré, além da facilidade com que os ônibus transitavam no local sem congestionamento.

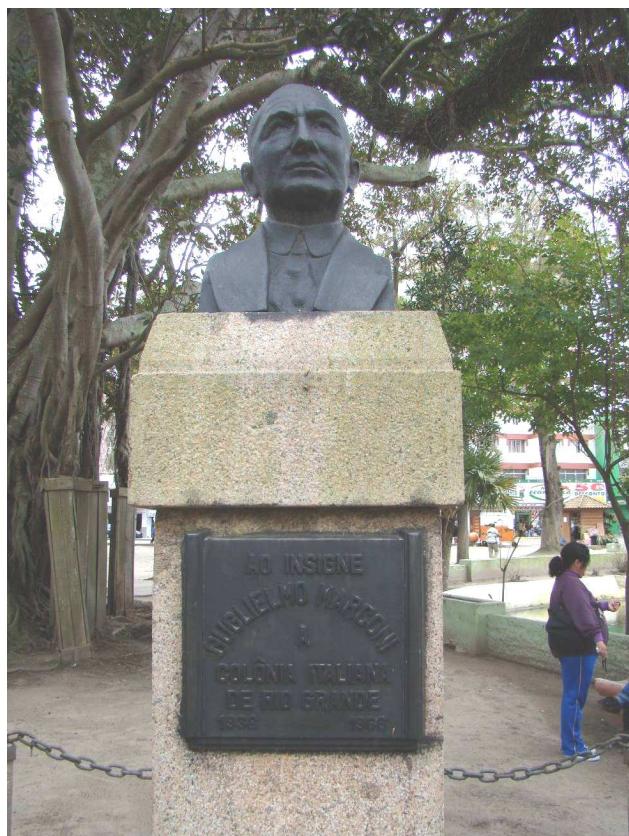


Imagen 11 - Conde Guglielmo Marconi. Busto de bronze e granito doado pela colônia italiana de Rio Grande. Foto: Cilene Leite, 2008.

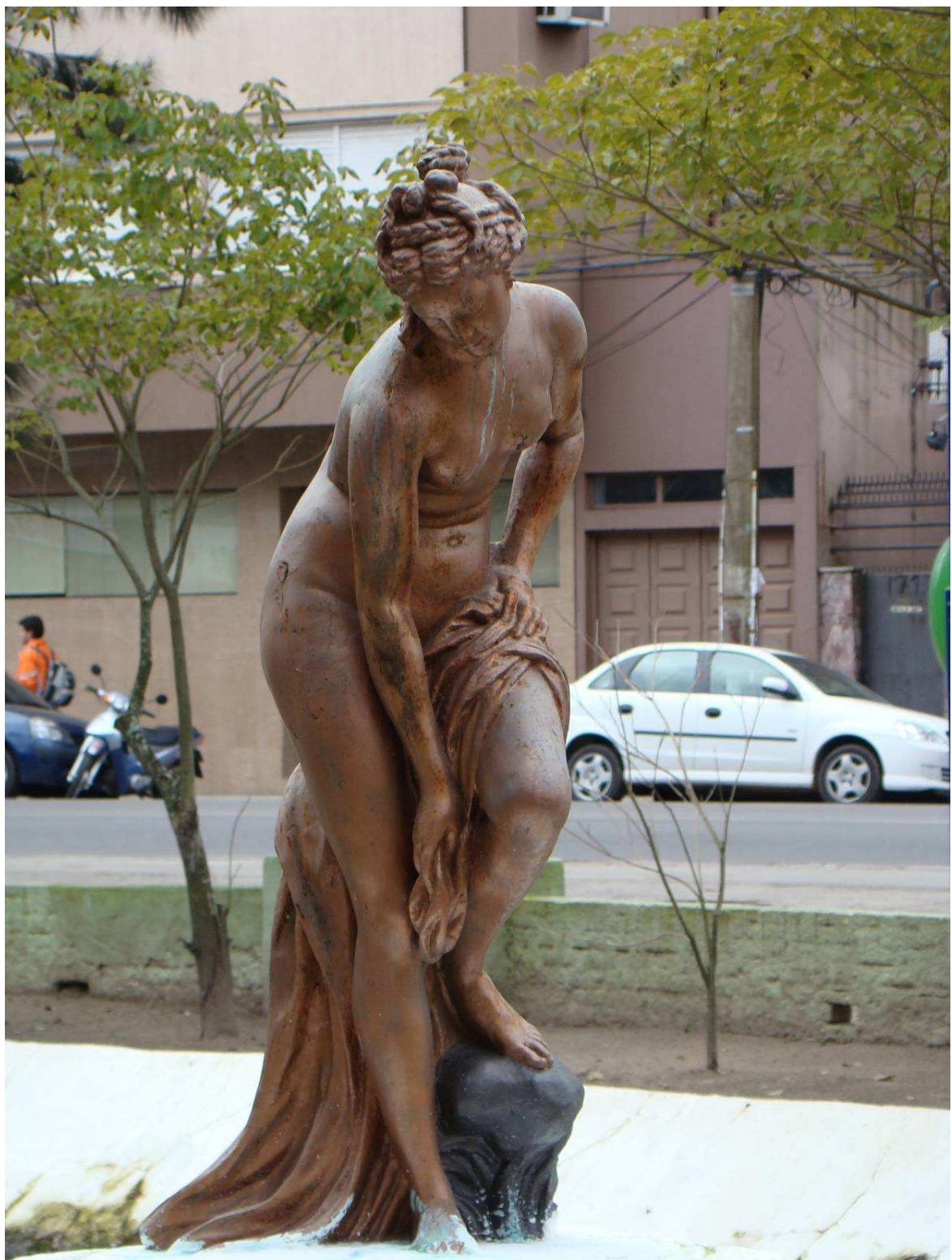


Imagen 12 – Vênus ao banho. Estátua esculpida em bronze na Itália em 1810.
Representa uma divindade romana, deusa do amor.
Fotos: Cilene Leite, 2008.



Imagen 13 – Jesus Cristo. Escultura do rio-grandino Érico Gobbi. O artista realizou a obra após uma aparição em 23 de maio de 1976, através de Nossa Senhora de Lourdes. Foi doada pelo artista em 1992.

Foto: Cilene Leite, 2008.



Imagen 14 - Almirante Tamandaré. Busto em bronze e granito, inaugurada em dezembro de 1960. Encontra-se entre uma âncora e um canhão, simbolizando sua audaz carreira militar.

Foto: Cilene Leite, 2008.





Imagen 16 - Napoleão Bonaparte. Estátua esculpida em 1900 está localizada em uma das ilhas do lago da praça. Pertenceu a uma família riograndina, residente nas proximidades, e que a doou ao mudar-se do local.

Foto: Cilene Leite, 2008.



Imagen 17 - Detalhe da estátua de Napoleão Bonaparte.
Foto: Cilene Leite, 2008.



Imagen 18 - Busto Irmão Isacio
Foto: Cilene Leite, 2008.



Imagen 19 - Homenagem à Imprensa. Obra do escultor
rio-grandino Érico Gobbi.
Foto: Cilene Leite, 2008.

3. O CONCEITO DE PATRIMÔNIO

O Patrimônio Cultural já foi chamado, em períodos anteriores, de Patrimônio Histórico e Artístico. O termo atual é mais amplo e inclui, tanto o aspecto histórico como o ecológico.

O Patrimônio Cultural é constituído de bens culturais, que são produções humanas em aspectos emocional, intelectual e material, além de todas as coisas que existem na natureza, este último chamado de Patrimônio Ambiental.

Conforme um enfoque clássico, o conceito de patrimônio refere-se à herança que recebemos do passado e que transmitimos as gerações futuras. Choay(2001) nos explica que patrimônio apresenta essa referência a bens familiares, econômicos e jurídicos, que em tempos atrás eram destinados para essas gerações antes citada, para que elas pudessem tomar conhecimento desse tempo, idéia segundo a autora iniciada após a revolução Francesa. Porém, mesmo com essa idéia que permanece reconhecida, a nossa compreensão de patrimônio não pode estar ligada apenas a vestígios tangíveis do processo histórico.

Esta idéia se consolida pelo fato de que essas manifestações materiais criadas pelo homem, são frutos de determinadas culturas em determinadas épocas. Algumas dessas manifestações permanecem, atravessam o tempo (como as construções dos antigos casarões em torno da Praça Coronel Pedro Osório¹¹). Outras não, e apenas existem na memória de terminados grupos (a exemplo das

¹¹ Localizada no município de Pelotas-RS

tradicionais receitas das doceiras Pelotenses), de tal forma os bens culturais guardam significados, mensagens, informações e registros da história humana, e repetindo os que permanecem são transmitidos para essas gerações antes citadas.

Maria Cecília da Fonseca(1997) também afirma que Patrimônio tem o seu conceito unido ao conceito de bem cultural, valor histórico, artístico, etnológico, sendo a representação de uma identidade, memória social em sua materialidade e imaterialidade. O Patrimônio monumental é igualmente a representação de uma identidade, que confere uma idéia de nação, pois representa a austeridade, a singularidade daquele local.

Essa idéia de patrimônio monumental representativo de uma nação teve seus primeiros indícios durante a Revolução Francesa, pois a o patrimônio conferia a identidade daquele povo, e ao invés de destruir esse patrimônio (anteriormente símbolo do Burguês) ele agregava um outro valor: era o marco da vitória. Assim o Patrimônio conferia um sentido de pertencimento.

No Brasil a constituição de 1988 no art. 216 há a ampliação da noção de Patrimônio. O bem cultural é algo que tem valor próprio, testemunho de uma criação humana, da civilização e da natureza, abarcando valores que provém mais de seus significados e de suas características e modos de fazer. É o conjunto de práticas, sociais, criações materiais ou imateriais, que por sua peculiaridade estabelece códigos temporais e especiais relacionados àquela cultura, sendo um testemunho ou uma referência às gerações futuras e também as gerações presentes.

O patrimônio brasileiro constitui-se dos bens de natureza material e imaterial e Mario Chagas(2003) nos coloca que o

Patrimônio apresenta então duas esferas: uma tangível e outra intangível e que para consolidação dessa idéia de nação, o Patrimônio Imaterial é o registro dos fazeres que concebem a nação, e que são reconhecidos/representam internacionalmente, ou que possuem um significado local que dá um sentido agregador àquele local, e um exemplo é tradicional dança pernambucana: o Frevo. O material tem um aspecto monumental representativo, o que satisfaz uma necessidade cultural. O autor também defende que o Patrimônio Cultural deve ser dinâmico e transformador, pois esses registros culturais nos propiciam um momento de reflexão e crítica que ajuda a nos localizar no grupo cultural a que pertencemos e a conhecer outras expressões culturais, cujas semelhanças complementam e cujos contrastes dão forma à nossa cultura.

4. A PRAÇA COMO CORREDOR DE PASSAGENS

Quase toda cidade tem uma Praça. Algumas cidades têm várias praças. E até mesmo alguns bairros têm mais de uma. E estas Praças são por vezes maiores, outras menores. De acordo com a pesquisa realizada por Eduardo Rocha *A Praça no Espaço Urbano*², várias cidades da região sul do Rio Grande do Sul possuem Praças, e sua análise demonstrou que algumas características arquitetônicas das Praças da região são semelhantes. E os seus usos? Quais são as peculiaridades da Praça Tamandaré? O que é feito no interior dela?

A produção do espaço traduz-se, segundo FREITAS(1995), num processo contínuo e dinâmico, onde fazem parte os agentes públicos e privados, as ações dos usuários, os indivíduos que freqüentam e consomem, mais diretamente esses espaços. Esses agentes estariam através de suas práticas espaciais criando e recriando espaços, domínios e territorialidade, numa configuração e apropriação de lugares, impulsionando uma contínua evolução e adaptando seus espaços e práticas as suas territorialidades.

De tais questões emerge o problema de pesquisa: os fazeres de alguns agentes da Praça Tamandaré são um patrimônio histórico desta? E os agentes ao qual me refiro são: o pipoqueiro, o barbeiro e o engraxate desse espaço.

Para compreender algumas das especificidades do local foi necessário acompanhar um dia da rotina do local.

² Monografia apresentada ao curso de especialização em Patrimônio Cultural – IAD/UFPel

A utilização cotidiana da Praça Tamandaré tem seu "pico" de segunda a sábado ao meio dia e nos fins de tarde, no término do expediente comercial diminuindo sensivelmente aos sábados a tarde, nos domingos e feriados. Seguindo uma ordem cronológica e tomando com referência uma segunda-feira, o que se passa dentro desse espaço pode é a seguir descrito³.

Em torno das 06h da manhã até as 07h30min, começam a surgir os primeiros agentes utilizadores desse espaço. São pessoas que utilizam o transporte coletivo urbano, que tem como ponto final o entorno da Praça, e desembarcam neste para encaminhar-se a seu local de trabalho ou atividades escolares. Por volta das 08h30min o fluxo de transeuntes no local começa a crescer, visto que o comércio abrir suas portas as 09h. O espaço passa transforma-se em um corredor de idas e vindas.

Após as 09h começam a chegar à Praça alguns dos agentes que fazem uso desse espaço como local de trabalho: alguns vendedores ambulantes, engraxates, barbeiro, vendedores das bancas de jornais e revistas.

Com o passar da manhã várias (e diferentes) pessoas circulam pela Praça: mulheres e homens caminham apressados com suas sacolas de compras em direção a alguma das "paradas" de ônibus e são interceptados pelo vendedor de passagens⁴ pouco antes de

³ Referencia baseada em meu acompanhamento de um dia no interior da Praça Tamandaré do Município do Rio Grande-RS.

⁴ Devido a necessidades socioeconômicas o vale-transporte é tomado por alguns como uma complementação de sua renda, de tal forma transforma-se uma nova moeda. Vendido por aqueles que o recebem, ou então repassados em troca de algum produto, o vale-transporte é revendido diretamente nos pontos de ônibus por empregados/atravessadores que passam o dia oferecendo esse a quem utiliza o transporte coletivo.

embarcarem; adolescentes agitados com suas mochilas e uniformes escolas atravessam a Praça em duplas e trios; idosos com seu caminhar lento se encaminham aos bancos próximos ao Monumento a Bento Gonçalves e sentam observando a sua volta com um olhar calmo e nostálgico; crianças correm até o Coreto (Imagem 20 e 21), mães vão a sua direção com passos apressados a fim de protegê-los; alguns casais namoram; alguém come um churrasquinho no espeto que foi comprado no entorno da Praça; o guarda municipal caminha pelo local, devagar com os braços entrelaçados para trás. Diversão, trocas, passagens: muitas atividades acontecem simultaneamente no local.



Imagen 20 – Coreto. Foto: Cilene Leite, 2008



Imagen 21 – Coreto, visto por outro ângulo. Foto: Cilene Leite, 2008

Quando às 12h se aproximam o fluxo de pessoas cresce: quem sai de seu emprego e vai almoçar em casa, se utiliza da Praça como corredor ou ponto de espera para tomar o ônibus; ou quem almoça no centro, entre uma caminhada e outra vai à esta, por motivos diversos.

A partir das 13h o fluxo de pessoas recomeça: o retorno de trabalhadores aos serviços, e a chegada de estudantes ao centro da cidade e partida de outros para diferentes regiões da cidade, movimenta o local.



Imagen 22 – Homens jogando damas. Foto: Cilene Leite, 2008.



Imagen 23 - Detalhe de Homens jogando damas.
Foto: Cilene Leite, 2008

As 14h o movimento da Praça é semelhante ao que ocorre a partir das 9h da manhã, com algumas variações. Outro sujeito que chega no local nesse horário é o pipoqueiro. Ele chega, rearranja seu carrinho, faz nova pipoca e começa seu trabalho. Além disso é comum a partir desse horário (Imagen 22 e 23) encontrar homens jogando damas nas mesas existentes em local específico, próximo a Abrigolandia.

Entre as 18h e 19h, com o fim do expediente comercial, ocorre novamente um aumento no fluxo de pessoas na Praça. Alguns

encaminham-se para suas casas, outros vão para escolas e Universidade.

O espaço noturno na Praça Tamandaré é antagônico ao diurno, visto que durante o dia ocorre um grande movimento de pessoas, e a noite, transforma-se num lugar intransitável. Conforme entrevista feita com o senhor José Fonseca, este local é um lugar de muito movimento e descanso, porém perigoso durante a noite devido à série de assaltos causado por iluminação insuficiente.

Após ter acompanhado essa "rotina" do local, percebi que para alguns o constante ir e vir é a única maneira de usufruir o local, sendo um espaço de passagem onde não há espaço para a contemplação. O mesmo entrevistado disse que atualmente não freqüenta mais a Praça, mas circula por ela por várias vezes por dia, principalmente no verão, quando precisa atravessá-la para tomar o ônibus para a praia do Cassino.

Existem também aqueles que usufruíram e usufruem da praça de uma outra maneira:

Tenho uma profunda identificação com a Praça Tamandaré. A minha infância foi toda "curtida" em relação a praça. Morava na rua General Vitorino e a praça era o meu local de brincar... Tinha os balanços os lagos os macacos e até barquinhos de aluguel isto sem falar nos patos e nos gansos que caminhavam solenes pelas ruas da cidade atrás dos restos da feira livre, pura poesia. [...]

Os hábitos se mantém, até bem pouco tempo ia comprar "candie", uma espécie de caramelo partido na hora, na porta dos balanços. (Francisco Mattos, entrevista)

Relacionando com Nascimento (2001:32),

a preservação de um conjunto histórico não se esgota, simplesmente, no seu reconhecimento e no compromisso

de garantir sua permanência no decorrer da história, enquanto espaço de conviver coletivo. É, a um só tempo, a conservação e a valorização dos elementos que a compõem como as ruas e becos, as igrejas e praças, as casas, e acima de tudo, a preservação do homem com seu viver e suas práticas.

Para Francisco a praça é lugar de recordações do seu passado, e os bens ali presentes não lhe são estranhos, não são peças de arte que estão desvinculadas de sua vida. Ele viveu aquele espaço quando criança e adulto. Ele mantém, por razões afetivas, hábitos mantêm o espaço da praça.



Imagen 24 – Playground. Foto: Cilene Leite, 2008.



Imagens 25 e 26 – Pessoas alimentando pombos. Foto: Cilene Leite, 2008.



Imagen 27 – Pessoas observando animais do mini-zoológico.
Foto: Cilene Leite, 2008.

5. A PRAÇA COMO ESPAÇO DE PERMANÊNCIA

Alguns vêm e vão. Circular pelo espaço da Praça é uma rotina a ser cumprida. Para outros esse é um local de permanência, onde desenvolvem algum tipo de atividade comercial.

Este é o caso do Pipoqueiro. Instalado próximo a entrada do playground e mini-zoológico, possui duas pequenas carroças (Imagen 28). Seu nome é Rui Carlos Barbosa, aposentado, mas ele diz que há 28 anos trabalha de "bico" na Praça. Sua visão sobre o local é muito positiva, para mim [a Praça] é fantástica. Simplesmente fantástica. Porque daqui levei pão para casa, é bonita, grande, bem espaçosa.

Ele considera que não há mudanças em relação ao número de pessoas que freqüentam o local, porém relata que aparentemente estes possuem menor renda do que antes, fator determinante para a redução do número de passeios de alguns.

Quando questionado se tinha o hábito de levar seu filho ao local contou que desde pequeno o levava para a Praça e assim ele começou a aprender a sua atividade. Agora seu filho, já adulto, trabalha junto a ele vendendo doces e eles dão continuidade a uma atividade que começou há vários anos:

Estou aqui há 28 anos, dando segmento de quase 50 [anos de atividade]. Primeiro foi o meu cunhado, depois o meu sogro, depois a minha sogra e agora eu e depois o meu filho.(...) Aliás, isto aqui [carroças de pipoca e doces] já é dele(...) Ele vai continuar, pelo menos eu espero que ele continue. Pois chega um ponto que sentimos que as pessoas precisam da gente. Às vezes nos atrasamos para chegar aqui e já perguntam, sentimos que somos úteis.

Conforme seu relato constato que o seu fazer no interior da praça é muito pertinente, pois os usuários do local sentem falta da sua prestação de serviços quando ausente. Além disso este é um saber que é transmitido há três gerações.



Imagen 28- O pipoqueiro. Foto: Cilene Leite, 2008.



Imagen 29- Instalações do pipoqueiro. Foto: Cilene Leite, 2008.

Além de Rui precisam do espaço da praça como forma de trabalho. É o caso de Adão Pereira, 63 anos, engraxate na praça há 46 anos. Conta que começou a trabalhar na praça por ser um local de grande movimento desde então.

Sua visão do local não é tão otimista por uma razão simples, pois para ele a praça:

(...) já foi boa, caiu o movimento de fregueses. Naquele tempo aqui trabalhava até dez, onze horas da noite. Tinha movimento, bastante. E também por causa dos tênis. Saiu os tênis. Olha aí... A maioria anda tudo de tênis. (...) E naquele tempo em 66, 68 as pessoas vinham mais a praça com os filhos, ficava mais na praça aqui e engraxavam mais o sapato.

Para ele a Tamandaré é local de trabalho. A praça é trabalho. Ele não desassocia a sua permanência na praça com o que faz naquele espaço. Quando fala da praça fala de sapatos, tênis, graxas. E para ele patrimônio é trabalho: *eu acho que patrimônio é aonde que eu trabalho, que é meu. Eu vou viver aqui e vou morrer daqui mesmo.*

A memória das experiências vividas nesse local lhe conferem sua expectativa de vida e sua identidade.

(...)a memória é um elemento constituinte do sentimento de identidade tanto individual como coletiva, na medida em que ela é também um fator extremamente importante do sentimento de continuidade e de coerência de uma pessoa ou de um grupo em sua reconstrução de si. (POLLAK, 1992:17).



Imagen 30 – Instalações do engraxate. Foto: Cilene Leite, 2008.

Luis Carlos é barbeiro na praça. Não nasceu em Rio Grande e está na cidade há 6 anos.

Escolheu a Tamandaré por ser um ponto de referência da cidade, onde os mesmos costumes são mantidos: "*a praça fica sempre na mesma. Muitas pessoas passam por aqui todo dia. São as mesmas de sempre*"

O que é um patrimônio para o senhor? Aqui continuam os mesmos patrimônios que tem na praça aqui, é os mesmos de sempre aqui. É o leão [monumento a Bento Gonçalves], as árvores, que um pouco já tão tudo depredada. Já ta até de troca, arrancar algumas e plantar outras. Poderiam colocar outras no lugar daquelas ali.

Além das pessoas que freqüentam a praça serem as mesmas de sempre, o patrimônio também é o mesmo de sempre. E destaca as árvores centenárias, e apesar de serem patrimônio poderiam ser substituídas, afinal são velhas.



Imagen 31 - Árvore centenária. Foto: Cilene Leite, 2008.

João Vanderlei, 46 anos, funcionário público lembra do pipoqueiro, do barbeiro e do engraxate na praça. Ele trabalha atualmente no local, cuidando dos animais do mini-zoológico.

Conta ainda que a rádio, *coisa do seu tempo*, foi reativada há alguns anos. Fato muito agradável para aqueles que permanecem no espaço para descansar. *É muito gratificante pra nós quando viemos com a família escutar uma música.*

Fala de um autorama que funcionava próximo ao monumento a Bento Gonçalves e que divertia as crianças, porém a diversão não era somente essa:

Sempre existiu pipoqueiro, engraxate. O que não existe mais é o camelódromo, mas essa foi uma coisa boa pois tapava a vista dela [visibilidade da praça]. Mas o que mais sempre nos chamou a atenção foi o parque de diversão e os bichos né(...) isso aí é o que permanece do tempo da nossa infância.(...) e os meus netos o que mais gostam hoje em dia é de andar nos balanços e depois comer pipoca na carrocinha, como eu fazia quando era pequeno.

João ressalta também a cor no interior da praça. Muros pintados de verde se camuflam entre a paisagem, não dando destaque para pontos importantes do local, como canteiros onde estão as árvores centenárias.

E ousa:

Na nossa praça tinha que ter um centro de eventos, onde destacasse mais o Coreto, tivesse mais atração fim de semana para vir com a família, mais atração, música ao vivo, entendesse? Nosso coreto é lindo, maravilhoso, mas não é usado, dá pra muita gente. É mais usado como brechó do que pra eventos, como coisas de música, teatrais... A gente podia dar mais valor para as nossas crianças, muitam praticam teatro, coisa

que podiam fazer no nosso coreto. E ele não é usado. E chama atenção para o local.

No início da entrevista, antes de ligar o gravador, modestamente João me advertia: *não sou estudado, eu não sei muita coisa da praça não*. Contudo propõem ação que integra o uso do patrimônio aliado a atividades culturais. Propõem educação patrimonial.



Figura 32- Modelos variados de bancos na praça. Foto: Cilene Leite, 2008.

Quando indagado sobre o que considera patrimônios diz: é coisa antiga.

Patrimônio, eu acho que é conservar o que é antigo. Hoje em dia com os modernismos não existe mais tanta coisa bonita como antigamente. Tu olha hoje os modelos dos bancos já não fazem mais como antigamente

Apesar da atual discussão que propõe a desmistificação do que é um patrimônio o velho ainda é visto como o Patrimônio Histórico.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Situada em um dos lugares mais estratégicos da cidade de Rio Grande, a Praça Tamandaré é um dos símbolos históricos do município.

Se antigamente as praças representavam locais de lazer e descontração, sendo fundamental que esta característica seja recuperada para a sociedade atual, hoje ela é muitas vezes usada como local de passagem ao invés de local de passeio. É a partir do divertimento que proporcionam os agentes e os serviços dali, que surge o interesse de preservar esse espaço.

O divertimento é patrimônio da praça: comer pipoca, passear no mini-zoológico, ouvir música, andar de balanço dentro do espaço da Tamandaré configuraram-se como atividades culturais.

E essas atividades culturais é que levam ao uso e reconhecimento do patrimônio e o desejo de então preservar o que é seu, ao invés de ocorrer a dilapidação do espaço.

Retorno a minha infância: ela que impulsionou minha pesquisa, foram as recordações das tardes agradáveis que me encaminharam a este estudo.

Hoje, como pesquisadora encaro a Praça Tamandaré com múltiplos olhares, mas aquele da minha infância não se perde: os macacos ainda me encantam, o desejo de subir no monumento a Bento Gonçalves existe, quero dar pipoca aos macacos.

Desconheço outras praças que possuam barbeiros e engraxates em seu interior, ou então um mini-zoológico. Pode parecer que

tomar estes agentes do local e seus fazeres como patrimônio seja uma simplificação do significado imaterial. Contudo, na Praça Tamandaré, que poderia ser tomado apenas como uma corredor de passagens, é um local de permanência, com trocas significativas. É um local que imprime lembranças significativas em um coletivo. Onde saberes são transmitidos, justamente para que essas lembranças sejam impressas.

Além da discussão teórica, é de fundamental importância ações simples de educação patrimonial. Experiências semelhantes as que experimentei quando criança ou como aquelas sugeridas pelo entrevistado João.



1984



2008

7. REFERÊNCIAS:

ABREU, Regina e CHAGAS, Mário (orgs). *Memória e patrimônio: ensaios contemporâneos*. Rio de Janeiro: DP&A, 2003.

ALVES, F.N. & FUÃO, J. J. R. *Estatuária na cidade do Rio grande nos primórdios da república Velha: 1889-1909*. Rio Grande: Fundação Universidade Federal do Rio Grande, 2005.

ALVES, Francisco das Neves Alves(org). *Rio Grande do Sul: ensaios históricos*. Rio Grande: FURG, 2002.

CHOAY, Françoise. *Alegoria do patrimônio*. São Paulo: Unesp, 2001.

FONSECA, Maria Cecília da. *Patrimônio em processo: trajetória política federal de preservação no brasil*. Rio de Janeiro: UFRJ/IPHAN, 1997.

FREITAS, Ruskin Marinho de. O reconhecimento da pluralidade: prática espaciais cotidianas como referenciais para intervenção em espaços públicos. In: *Cotidiano Urbano: cidades, imagens e representações*. Fortaleza: Autec, 1995.

JEUDY, Henry-Pierre. *Memórias do social*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1990.

MARTINS, Helena Rosângela Duval. *Os espaços públicos na cidade do Rio Grande: o caso da praça Tamandaré*. In: ALVES, Francisco das Neves Alves(org). *Rio Grande do Sul: ensaios históricos*. Rio Grande: FURG, 2001.

MUNFORD, Lewis. *A cidade na história: suas origens desenvolvimento e perspectivas*. São Paulo: Martins Fontes, 1998.

NASCIMENTO JÚNIOR, A.F. *Reflexões sobre as praças das cidades históricas do vale do Paraíba do Sul, Estado de São Paulo - um relato de experiência*. Revista Assentamentos Humanos, Marília, v3, n. 2, p29-37, 2001.

PIRAGINE, Maria de Lourdes. *Cartilha Papareira: Informativo turístico de A a Z do município do Rio Grande*. Rio Grande: FURG, 1992.

POLLACK, Michael. *Memória e identidade social*. Estudos históricos. Rio de Janeiro: Vértice, 1992.

SAINT-HILARE, A. *Viagem ao Rio Grande do Sul*. São Paulo: USP, 1974.

SANTOS, Milton. *Ensaios sobre a urbanização latino-americana*. São Paulo: Hucitec, 1982.

ANEXOS - ENTREVISTAS

ANEXO A - Entrevista realizada dia 14/03/2008 no interior da Praça Tamandaré.

Qual é o nome do senhor?

João Valdeci Guerreiro.

Quantos anos o senhor tem?

Tenho 46.

O senhor trabalha aqui na praça há quanto tempo?

Há 22 anos.

O que o senhor mais gosta aqui na praça?

O que eu mais gosto é da estátua do Bento Gonçalves.

O senhor tem alguma história interessante, diferente, para contar sobre a praça?

Não... a história mais "deferente" é que a nossa praça aqui é uma praça que tem muitas valores que não são reconhecido, como muitas estátuas, muitas... muito... as pessoas muito famosas, e a história não é divulgada muitas vezes. Porque se nós caminhar pela praça a praça tem mais de 10 monumentos históricos, e esses monumento não têm aquele cuidado especial que devia de tê e que chamassem a atenção mais dos turistas que vem nos visitar aqui.

Qual dos monumentos, qual das estátuas o senhor acha que está mais depreciada, assim, mais depredada?

Eu acho que, não digo depredada, mas é do leitor, que ficou dentro do viveiro, que era pra ter mais destaque, do menino leitor que está dentro do viveiro dos coelhos lá. Ele ficou muito restrito. E do próprio, que ele leva o nome da Tamandaré, que ele ficou num... era pra ser uma coisa mais valorosa, a estátua dele, até mesmo o monumento dele era pra ser mais destacado, que é o Tamandaré, que ficou ali quase num recanto da praça, ele era pra ser mais destacado sobre o coreto, ou sobre, a frente da praça.

O senhor lembra qual foi o último monumento que chegou na praça?

Que eu lembro, que tenho lembrança, é o do Cristo Redentor, que fica lá no canto de lá, pro lado da Loréia no meio da água ali, então esse é o último monumento que chegou aqui.

O senhor tava me contando que essa estátua do Napoleão, ela veio de outro lugar pra cá, o que o senhor sabe?

Eu sei que ela veio do bolacha, que ela tava lá disposta ao bolacha, mas como ficava pouco turismo lá e foi depredada lá, e ela... trouxeram ela pra cá, e que aonde que colocaram aí.. na ponta da ilha. Até que ela ficou num bom lugar, mas ela tinha que ter uma placa chamando a atenção pra levar os olhos dos turistas mais pro monumento.

E o senhor quando era mais jovem, o senhor é daqui de Rio Grande? O senhor vinha bastante a praça? O senhor freqüentava bastante a praça?

Sou de Pedro Osório mas me criei em Rio Grande. Freqüentava, principalmente o parquinho de diversão que gostava muito e naquela época tinha mais quantidade de bicho no nosso mini-zoológico que chamava muito a atenção da garotada, dos turistas, que foi também se terminando muito, muitos foi morrendo, outros roubaram, também largaram cão, mataram. E foi diminuindo, agora tem uma minoria, que não foi reposta. E isso aí que é, na minha época tinha a anta, o pavão que chamava mais a atenção e hoje nós não temos aqui, temos só bicho comum.

Eu também escutei histórias de que antes se podia se fazer passeios de barco. O senhor chegou a conhecer?

Não, nesse tempo que eu vim pra cá já não tinha mais os barcos e não tinha os carrinhos de autorama, que ali onde é hoje o Galpão Criolo antes tinha um carrinhos autorama, que as crianças brincavam. Mas isso não é da minha época, lembro que em 78 não tinha mais.

E além disso o que mais marca o senhor na Praça, além de lembrar do autorama, do zoológico, ter mais animais. Tem alguma coisa que permanece aqui dentro da Praça?

Pipoqueiro sempre existiu, teve o camelódromo que não foi uma boa imagem pra nossa praça, tapou a vista dela. Mas o que mais me chamou a atenção foi o parque de diversão e os bichos né? É isso que permanece. Aquele parquinho ali guarda muita recordação da infância da gente, por que hoje a gente não pode praticar mais. Eu tenho vontade, mas hoje eu cuido pros adultos não andar, coisa que eu sinto desejo de andar. Eu tenho 4 netos e 5 filhos e a minha caçula tem 5 anos. No meu próprio trabalho, que eu trabalho aos domingos, a gente faz lazer por que a gente já traz as crianças e aproveita a praça no próprio trabalho. E as crianças, que mais gostam de fazer hoje em dia é de andar nos balanços e depois comer pipoca na carrocinha, como eu fazia quando era pequeno. Elas gostam de tirar foto, tem o cavalinho aquelas

coisas, e é um destaque muito bonito. Só que eu acho que na nossa praça aqui tinham que ter, vamos dizer, um centro de eventos, onde destacasse mais o Coreto, tivesse mais atração fim de semana para vir com a família, mais atração, música ao vivo, entendesse? Nossa coreto é lindo, maravilhoso, mas não é usado, dá pra muita gente. É mais usado como brechó do que pra eventos, como coisas de música, teatrais... A gente podia dar mais valor para as nossas crianças, muitam praticam teatro, coisa que podiam fazer no nosso coreto. E ele não é usado. E chama atenção para o local.

E pro senhor, o que é patrimônio?

Patrimônio, eu acho que é conservar o que é antigo. Hoje em dia com os modernismos não existe mais tanta coisa bonita como antigamente. Tu olha hoje os modelos dos bancos já não fazem mais como antigamente. Eu acharia que conservar essas pontes que tem moldura bonita, os banco que tu pode ver, prestando atenção, que tem umas patas de leão. Isso aí tu podes ver que o povo tem que preservar mais. Muitos nem prestam atenção, naquele loucura do dia-a-dia não tem atenção.

ANEXO B -Entrevista realizada dia 20/04/2007 no interior da Praça Tamandaré.

Qual seu nome e a sua profissão?

Rui Carlos Barbosa, aposentado.

O que o senhor faz?

Trabalho aqui, no caso, de bico, como pipoqueiro

Quanto tempo faz que o senhor trabalha aqui de bico?

28 anos fez agora no mês de setembro.

E o senhor é daqui de Rio Grande?

Sim, é... cheguei aqui em 69. Vim lá de Pelotas pra cá.

Como que o senhor sente a praça? Como que é a praça Tamandaré para o senhor?

Pra mim é fantástica né, simplesmente fantástica.

Por quê?

Porque daqui eu levo o pão pra casa. A praça é super bonita, grande, bem espaçosa, esse é um dos motivos. Trabalho aqui há 28 anos, graças a Deus, trouxe a família aqui, esse garoto aí é meu filho.

Ele trabalha com o senhor na praça...

Tem 9 anos que ele trabalha comigo.

O senhor trazia ele pra praça quando ele era pequeno?

É, sempre trouxe.

Pro senhor, o que é um patrimônio?

Patrimônio? Eu acho que é o que eu consegui né, trabalhando desde criança praticamente.

E o senhor acha que aqui a praça é um patrimônio?

Com certeza. Do riograndino né. Certo, eu acho isso.

Vou lhe perguntar uma coisa. O senhor trabalha aqui há 28 anos. O senhor percebe diferença no uso da praça nos dias de hoje e há muitos anos atrás?

Ah, com certeza! Mudou muito né, hoje mudou bastante. É que isso aqui varia muito né, muito variável, acontecem coisas que não

deviam acontecer, mas acontecem. Mas vamos levando a vida né. Tem vários problemas. Agora até, por sinal, melhorou um pouco, tinham uns lances aí, pessoas, coitadas, desocupadas, então ficavam aí bagunçando, mas acabou, foi muito bom. Faz poucos dias que acabou. A guarda trabalha muito direitinho, a nossa guarda é bastante eficiente, então eliminou esse problema aí. Era um problema que tinha aqui na praça, as pessoas ficavam aí durante o dia fazendo tudo que dava na telha, não ir no quarto de banho eles faziam aí. Era um problema na minha opinião muito (...). Mas acabou, graças a Deus. É por aí mais ou menos, tem a ver que to aqui há 28 anos, então o cara tá sempre ligado nas coisas né, muitas coisas boas acontecem, outras ruins, isso aí ninguém está livre mesmo né, mas é isso aí.

E o senhor acha que as pessoas passeavam mais na praça tempos atrás ou agora, ou é...?

É a mesma coisa né. Eu acho que hoje tá igual ao que estava há 28 anos atrás, o número de pessoas passeando. Agora um problema, muitas vezes, é a falta de dinheiro. Dá pra ver isso, as vezes as pessoas, eu mesmo, se for pra passear sem dinheiro eu não vou. Entendesse? Então tenho notado uma mudança nesse lance, mas tá quase igual como antigamente.

Vou fazer outra pergunta pro senhor. O senhor é pipoqueiro, trabalha aqui na praça, eu acho que isso que o senhor faz, faz parte do patrimônio da praça. O senhor não acha?

É.. tuvê, eu acho que faz. Sabe que nós, eu to aqui há 28 anos, num segmento de quase 50. Entendesse? Primeiro foi o meu cunhado, depois o meu sogro, depois minha sogra, agora eu.

E agora o seu filho...

E agora eu já com 28 anos, entendesse? É alguma coisa né? E meu filho, se Deus quiser, vai seguir. Aliás já é do meu filho isso. Antes era só meu, ele que trabalhava comigo. Agora ali é dele, eu to só de bico aqui nessa volta. Acho que se Deus quiser vai continuar, eu espero que continue, porque chega um ponto que as pessoas precisam da gente, nesse lance aí. Às vezes o cara se atrasa pra chegar aqui e as pessoas já: pô, vim ontem e você não tava! A gente sente que tá sendo um custo pras pessoas né, apesar das pessoas pagarem uma taxa, mas a gente sente que está sendo necessário para eles ter essa pipoca aí (...). Essa aí é a minha opinião.

Obrigada!

De nada, vai com Deus!

ANEXO C -Entrevista realizada dia 27/10/2007 no interior da Praça Tamandaré.

Eu gostaria que o senhor me dissesse seu nome, sua idade e sua profissão.

Adão Fernandes Pereira dos Santos.

Sua idade?

R. 63 anos.

E sua profissão?

Engraxate.

Há quantos anos o senhor trabalha aqui na praça?

43 anos.

Por que o senhor trabalha aqui na praça Tamandaré?

Porque eu comecei a trabalhar aqui né, foi a única profissão que eu tive.

E como que é a praça Tamandaré pro senhor?

Já foi boa.

Por que ela não é mais boa?

Ah caiu o movimento de fregueses, naquele tempo aqui, a gente trabalhava até as 10, 11 horas da noite e tinha movimento bastante.

E mais uma coisa que interfere no pouco movimento da praça?

O movimento é por causa dos tênis né, a maioria usa mais tênis aí né.

O senhor nota alguma diferença nas pessoas, como as pessoas vinham à praça antes e como vem à praça hoje?

Ah naquele tempo, 66... 68... 70... 74, o pessoal vinha mais na praça com os filhos, ficava mais na praça aqui, e engraxavam mais o sapato.

O que o senhor acha que é um patrimônio?

Eu acho que patrimônio é o teu trabalho, entendeu?

O teu trabalho aqui é o teu patrimônio...

Eu acho, vou viver aqui e vou morrer aqui mesmo.

O senhor gostaria de falar mais alguma coisa?

Não, só isso.

ANEXO D - Entrevista realizada dia 27/10/2007 no interior da Praça Tamandaré.

Qual o seu nome, sua idade e sua profissão?

Luis Carlos, minha profissão é barbeiro.

Há quanto tempo o senhor trabalha aqui na praça?

Aqui agora faz 6 anos.

Por que o senhor trabalha aqui na praça Tamandaré?

Porque não trabalho noutro lugar, trabalho aqui.

Porque o senhor escolheu este local?

Porque aqui é bom de trabalhar né.

Como é que é a praça pra ti?

Boa.

O senhor deve lembrar-se da praça há vários anos, quando frequentava na infância, depois quando foi ficando mais velho, o senhor percebe alguma diferença na praça, destas memórias da infância pra praça de hoje em dia?

É, eu vim pra cá adulto já, minha infância não foi aqui na praça.

E como o senhor percebe a praça Tamandaré?

É, aqui continua sempre a mesma.

O que é um patrimônio pro senhor?

Patrimônio é tudo que tem, aqui continua os mesmos patrimônios que tem na praça, os mesmos de sempre, tem o união ali, as árvores que no toco tão tudo depredadas, dá até pra arrancar algumas que estão estragadas já..

Sim, as árvores centenárias...

E sim, poderiam colocar outras no lugar daquelas ali.

O senhor gostaria de lar mais alguma coisa?

Não obrigado.